

# O Livro de Daniel - Número cento e oitenta

## *A interseção profética de Roma, os Macabeus e os tempos modernos: um estudo das visões de Daniel*

Jeff Pippenger  
2024-04-10

Uriah Smith escreveu: “Roma tornou-se ligada ao povo de Deus, os judeus, por aliança, em 162 a.C.” A maioria dos historiadores modernos fixa a data em 161 a.C., e Smith faz referência duas vezes a 161 a.C., no mesmo livro. Minha suposição é que esta referência a 162 a.C. seja um erro tipográfico.

“Pelos versículos 23 e 24 somos trazidos para alguém da aliança entre os judeus e os romanos, em 161 a.C., até ao tempo em que Roma havia adquirido domínio universal.” Uriah Smith, *Daniel and the Revelation*, 273.

Os versículos onze e doze identificam a vitória e os desdobramentos da Batalha de Ráfia, que ocorreu em 217 a.C., entre o Império Selêucida, liderado por Antíoco III, o Grande, e o Reino Ptolemaico do Egito, liderado pelo rei Ptolemeu IV Filopátor.

A Batalha de Panium, que ocorreu dezessete anos depois, em 200 a.C., foi novamente entre o reino selêucida e o reino ptolemaico.

A Revolta dos Macabeus, iniciada em 167 a.C., foi a rebelião judaica contra as tentativas do Império Selêucida de suprimir as práticas religiosas judaicas e impor a cultura grega.

A reconsagração do Segundo Templo em Jerusalém, que marca o evento histórico celebrado em Hanucá, ocorreu em 164 a.C., três anos antes da “liga” do versículo vinte e três. Esse evento seguiu-se à bem-sucedida campanha militar dos Macabeus contra as forças do Império Selêucida, lideradas pelo infame Antíoco IV Epífanes, que havia profanado o Templo e proibido as práticas religiosas judaicas. Antíoco IV Epífanes morreu pouco depois da vitória comemorada por Hanucá, o que marca a decadência do poder sírio a partir daquele ponto na história.

Em 200 a.C. (que foi também a época da Batalha de Panium), Roma, pela primeira vez, inseriu-se na história profética do capítulo onze de Daniel. Ali está o símbolo que estabelece a visão. Sua influência deliberada naquela história identifica a obra de Jezabel, símbolo de uma igreja que puxa as cordas nos bastidores. Jezabel estava em casa, em Samaria, quando seu marido Acabe viu seus profetas serem mortos por Elias. Herodias não estava na festa de aniversário de Herodes, onde sua filha Salomé seduziu Herodes. Na história dos Estados Unidos, o papado, representado pela prostituta de Tiro, é esquecido, até o fim dos simbólicos setenta anos. Então ela começa a cantar suas canções de engano aos reis da terra. O ano 200 a.C. tipifica quando ela começa a cantar abertamente aos reis nos últimos dias, pouco antes da iminente lei dominical, como representado no versículo dezesseis.

Antes da "aliança" dos judeus entre 161 a.C. e 158 a.C., os Macabeus reconsagraram o Templo, como é comemorado em Hanucá, em 164 a.C. Três anos depois, ainda em luta contínua com os sírios, os judeus macabeus recorreram a Roma em busca de apoio. A "aliança" então formada com Roma torna-se uma prova profética para os estudantes de profecia de Deus nos últimos dias.

A história identifica 161 a.C. como o momento em que a "aliança" ocorreu, mas os pioneiros datam esse fato de 158 a.C. Miller estava certo, ou os historiadores modernos é que estão? Miller somou seiscentos e sessenta e seis anos (666) ao ano 158 a.C. e chegou ao ano 508, quando "o contínuo" foi tirado. Por mais que você procure, será extremamente difícil, senão de fato impossível, encontrar comprovação histórica para 158 a.C. como a aliança entre os judeus e os romanos.

O versículo dezesseis é a lei dominical, mas, antes dessa história, Roma entra na história para estabelecer a visão no ano 200 a.C. A revolta dos macabeus começou em Modiin em 167 a.C., e, por fim, eles rededicaram o templo em 164 a.C. Então, de 161 a.C. a 158 a.C., os judeus entram em concerto com o poder romano. De 161 a.C. a 158 a.C. representa um período de tempo que foi necessário para estabelecer a "aliança". Esse entendimento identifica a "aliança" em conformidade com o testemunho dos historiadores, e também com o gráfico que foi dirigido pela mão do Senhor e não deve ser alterado.

Os historiadores informam-nos de que o processo de negociação de tratados entre nações antigas como Judá e Roma, no segundo século a.C., variava dependendo das circunstâncias específicas, dos protocolos diplomáticos e das dinâmicas de poder envolvidos. Normalmente, o processo começava com uma das partes expressando interesse em estabelecer um tratado ou aliança com a outra. No caso de Judá e Roma, Judá iniciou contato com Roma para propor uma aliança formal.

Canais diplomáticos teriam sido utilizados para transmitir a proposta e iniciar negociações. Isso teria de envolver o envio de embaixadores ou enviados a Roma para se reunir com seus líderes ou representantes. Uma vez iniciadas as negociações, ambas as partes discutiriam os termos do tratado proposto. Isso poderia envolver uma série de reuniões, trocas de mensagens diplomáticas e, possivelmente, o envolvimento de intermediários ou mediadores para facilitar as discussões. Durante as negociações, cada parte consideraria os termos propostos pela outra e poderia apresentar contrapropostas ou buscar alterações a certos termos. Esse processo poderia envolver deliberação cuidadosa, consulta a conselheiros e avaliações dos potenciais benefícios e desvantagens do tratado proposto.

Se ambas as partes chegassem a um acordo sobre os termos do tratado, seria preparada documentação formal detalhando os termos e condições acordados por ambos os lados. O tratado então precisaria ser ratificado pelas respectivas autoridades de cada nação. No caso de Roma, isso poderia envolver aprovação pelo Senado ou por outros órgãos de governo. De modo semelhante, em Judá, o tratado provavelmente exigiria aprovação por sua liderança ou conselho de governo. Uma vez ratificado, o tratado seria implementado, e esperar-se-ia que ambas as partes cumprissem os seus termos. Isso poderia envolver diversas formas de cooperação, acordos de defesa mútua, relações comerciais ou outras formas de engajamento diplomático estabelecidas no tratado.

No século II a.C., viajar da Judeia (localizada na região do Mediterrâneo oriental) para Roma (localizada na Itália central) teria sido um empreendimento desafiador e demorado, especialmente considerando as limitações dos métodos de transporte antigos. A distância entre a Judeia e Roma é de aproximadamente 1.500 a 2.000 quilômetros (930 a 1.240 milhas), dependendo da rota específica. A viagem por mar era muitas vezes mais rápida e eficiente do que por terra na Antiguidade, mas estava sujeita aos ventos predominantes. Viajar de navio de um porto na Judeia para um porto na Itália (como Óstia, o porto de Roma) poderia levar várias semanas, dependendo de fatores como as condições do vento, as correntes marinhas e o tipo de embarcação utilizada.

A viagem por terra da Judeia a Roma teria sido mais lenta e mais árdua. Os viajantes teriam de percorrer diversos terrenos, incluindo montanhas, vales e rios, e enfrentar obstáculos como salteadores e territórios hostis. Estima-se que viajar a pé ou em carruagem puxada por cavalos poderia levar vários meses. O tempo de viagem também teria sido influenciado por fatores como o estado das estradas, a disponibilidade de acomodações e pontos de descanso, e a necessidade de repousar e reabastecer ao longo do caminho.

Quando os judeus macabeus buscaram uma aliança com Roma, teriam precisado enviar embaixadores a Roma. Uma vez que esses embaixadores fossem recebidos pelas autoridades romanas, seguir-se-ia um período de negociações. Do ponto de vista da teoria histórica, como não há registro preciso, uma vez formalizado um tratado, seria necessário levá-lo de volta à Judeia para confirmação e, depois, provavelmente levá-lo novamente a Roma para confirmar a aceitação por parte dos judeus. É quase impossível acreditar que o processo de formação de uma aliança, naquele período, teria sido concluído em um ano; assim, o entendimento de que a “aliança” representa um processo de 161 a.C. a 158 a.C. se ajusta a outras linhas de profecia que identificam a história que conduz à lei dominical do versículo dezesseis.

Uma “aliança” que todos os historiadores concordam ter sido iniciada pelos judeus macabeus começou na Judeia em 161 a.C. O propósito era que os judeus buscavam apoio contra os sírios, com os quais vinham lutando desde que sua revolta começou em 167 a.C. A revolta foi desencadeada pelos esforços de Matatias, um sacerdote judeu, e de seus cinco filhos, particularmente Judas Macabeu, para resistir às políticas de helenização impostas pelo governante selêucida Antíoco IV Epífanes. Essas políticas incluíam tentativas de suprimir as práticas religiosas judaicas e forçar a adoção de costumes e crenças gregos.

O catalisador da revolta foi um incidente na aldeia de Modein, onde Matatias recusou-se a cumprir um decreto que exigia oferecer um sacrifício a uma divindade grega. "Modein" é derivado da palavra hebraica "modi'a", que significa "declarar" ou "protestar". Em protesto, Matatias matou um apóstata judeu que estava prestes a realizar o sacrifício, e ele e seus filhos fugiram para as colinas, iniciando uma campanha de guerrilha contra as forças selêucidas. A Revolta dos Macabeus durou vários anos, durante os quais os Macabeus travaram numerosas batalhas contra os selêucidas e seus aliados. Apesar de estarem enormemente superados em número e em equipamento, os Macabeus conquistaram várias vitórias significativas.

O Império Selêucida procurava impor aos judeus a religião da Grécia, e os gregos representam os globalistas dos últimos dias. Sua religião se expressa no wokismo que atualmente está sendo imposto aos Estados Unidos e ao mundo pelas forças globalistas do sistema bancário, da mídia dominante, dos centros educacionais e da demolição das distinções nacionais por meio da imigração forçada de estrangeiros ilegais. Quando Antíoco Epifânio impunha aos judeus a religião grega, havia judeus que cooperavam com seus esforços. Os macabeus representam uma classe de judeus apóstatas, que resistia à religião da Grécia, mas havia também outra classe de judeus apóstatas que apoiava a obra de impor a religião grega.

O verso dezesseis é a iminente lei dominical e a tríplice união do dragão, da besta e do falso profeta. Essa história é precedida pelos versos treze a quinze, onde ocorrem as três batalhas do verso quarenta: a partir do verso dez (1989), nos versos onze e doze (a guerra da Ucrânia) e na Batalha de Panium. A Batalha de Panium representa uma batalha em que a besta terrestre de dois chifres prevalece sobre as filosofias religiosas e políticas dos globalistas.

Naquela batalha, o último presidente dos Estados Unidos terá de lidar com as consequências da vitória de Putin e do subsequente colapso, representados nos versos onze e doze. Ele formará uma aliança com a OTAN ou com as Nações Unidas, a fim de resolver as repercussões do colapso da Rússia e, no âmbito dessa aliança, envolverá as Nações Unidas na Batalha de Panium. A terceira batalha do verso quarenta será como a primeira batalha do verso quarenta. Assim como a União Soviética colapsou sob a força econômica e militar dos Estados Unidos, os globalistas das Nações Unidas serão forçados a repetir a “perestroika”, o principal componente dos esforços de Gorbachev para reformar a União Soviética, embora esses esforços tenham acabado por contribuir para o desmantelamento do sistema soviético e a eventual dissolução da União Soviética.

A terceira batalha é ilustrada pela primeira e, por meio de pressões econômicas e militares, Trump, como representado por Reagan, forçará as Nações Unidas a uma "perestroika", que significa reestruturação ou reforma. A reestruturação colocará os Estados Unidos no topo do sistema dos dez reis, isto é, as Nações Unidas. Na batalha, o papado então se apresentará na história, alegando ser o defensor do sistema que Trump então estará conquistando.

Na mesma história, Trump enfrentará uma Guerra Civil interna que será obrigado a enfrentar, assim como Abraham Lincoln foi. A Guerra Civil será entre duas facções apóstatas opostas nos Estados Unidos. Uma classe, representada por aqueles que aceitaram a religião e a filosofia do woke-ismo, que são os globalistas progressistas de ambos os partidos políticos. A outra classe (MAGA-ismo) professa ser composta por protestantes genuínos, embora tenha perdido esse manto em 1844.

A facção do Presidente é representada pelo MAGA-ismo e baseia-se na alegação equivocada de defender o verdadeiro protestantismo e a Constituição. O wokismo sustenta a religião da Mãe Terra, da Nova Era e a crença de que a Constituição é aplicada de acordo com as circunstâncias vigentes das normas da sociedade, e não pelas ideias arcaicas dos pais fundadores.

Matatias (Trump) porá fim às tentativas dos Democratas globalistas-progressistas nos Estados Unidos, como representado pela revolta que começou em Modein em 167 a.C. Em seguida, Trump

repetirá a história de 164 a.C., quando os Macabeus rededicaram o templo, como é comemorado pela observância de Hanucá. Então, no período representado de 161 a.C. a 158 a.C., Trump iniciará a investida final para erguer a imagem do papado, que é uma imagem que identifica uma relação ilícita entre o poder religioso e o poder político. Em 158 a.C., a liga será implementada à medida que a iminente lei dominical do versículo dezesseis for imposta.

Daniel 11 primeiro identifica como Roma assume o controle politicamente, e então Daniel repete e amplia a mesma história com uma linha que identifica como Roma trata o povo de Deus nessa mesma história. Do versículo dezesseis ao versículo dezenove, são ilustrados os três obstáculos para que Roma pagã assumisse o controle do mundo. No versículo dezesseis, a Síria foi conquistada por Roma pagã em 65 a.C., e, em seguida, a Judeia foi conquistada por Pompeu em 63 a.C. O versículo dezesseis identifica quando Roma iria firmar-se na terra gloriosa e, ao fazê-lo, está tipificando a lei dominical do versículo quarenta e um do mesmo capítulo.

É importante notar que a conquista ocorreu em 63 a.C. [paralelo a 1863], em meio a uma guerra civil que ocorria em Jerusalém. Uriah Smith afirmou: "No retorno de Pompeu de sua expedição contra Mitridates, rei do Ponto, dois pretendentes, Hircano e Aristóbulo, disputavam a coroa da Judeia."

Os nomes "Hircano" e "Aristóbulo" são ambos de origem grega e têm significado histórico, particularmente no contexto da história judaica durante o período helenístico e a dinastia hasmoneia. "Hircano" deriva da palavra grega "Hurkanos", que provavelmente se originou da palavra "hurkan", que significa "lobo" na língua persa. Hircano foi um nome levado por vários governantes hasmoneus. "Aristóbulo" significa "melhor conselheiro" ou "melhor assessor". Aristóbulo foi outro nome levado por vários governantes hasmoneus. Tanto "Hircano" quanto "Aristóbulo" são nomes associados a figuras significativas da história judaica durante o período hasmoneu. Foram governantes que desempenharam papéis importantes no governo e na expansão do Reino Hasmoneu na Judeia. Os descendentes e representantes proféticos do reino hasmoneu no tempo de Cristo eram os fariseus.

Quando Pompeu conquistou Jerusalém, dois partidos políticos remontavam a sua origem à época da revolta representada por Modein, em 167 a.C. Uma vez que Pompeu foi envolvido na rebelião, decidiu tomar Jerusalém; o partido político de Aristóbulo decidiu resistir-lhe, mas o partido de Hircano decidiu abrir os portões a Pompeu. Pompeu então lançou o seu ataque contra Jerusalém e, três meses depois, Jerusalém ficou para sempre sob a jurisdição de Roma.

Já no versículo dezenove, o Egito, o terceiro e último obstáculo, foi tomado por Roma. Em seguida, no versículo vinte, o nascimento de Cristo é identificado, quando Daniel começa a expor como Roma lidaria com o povo de Deus naquela história. Nos versículos vinte e um e vinte e dois, Cristo é crucificado. No versículo vinte e três, a aliança que começou em 161 a.C. e foi até 158 a.C. é identificada imediatamente após os versículos que descrevem a cruz, onde os judeus apóstatas proclamaram que "não tinham rei senão César". A linhagem dos judeus apóstatas, representada pelos Macabeus, que havia resistido às investidas da filosofia religiosa grega e, ao fazê-lo, formou uma relação ímpia com Roma, vem logo após o versículo que identifica a história

da cruz, onde o fruto de sua relação ímpia se manifestou plenamente.

A Shekiná nunca retornou ao templo que foi construído após os setenta anos de cativo. O último testemunho profético, proclamado por Malaquias, foi dado por volta de meados do século V a.C. Não havia presença visível de Deus, nem qualquer testemunho profético, por centenas de anos antes de os Macabeus se levantarem contra a influência grega globalista. No início de sua revolta, consumaram a mesma rebelião que tanto Ptolemeu quanto o rei Uzias haviam tentado, quando ambos os reis buscaram desempenhar o papel de sacerdote e apresentar uma oferta no templo.

Jônatas Áfo (também conhecido como Jônatas Macabeu) foi um dos filhos de Matatias, que iniciou a Revolta dos Macabeus, e desempenhou um papel significativo na condução da rebelião judaica contra o Império Selêucida. Após a morte de seu irmão Judas Macabeu em batalha, Jônatas assumiu a liderança das forças macabeias. Além de sua liderança militar e política, Jônatas também assumiu a função de sumo sacerdote, servindo como líder espiritual do povo judeu. O duplo papel de Jônatas, como líder e sumo sacerdote, marcou um desenvolvimento significativo na história judaica, pois consolidou tanto a autoridade política quanto a religiosa no interior da dinastia hasmoneia. Sua liderança contribuiu para fortalecer a autonomia judaica e estabelecer o domínio hasmoneu na Judeia.

O próprio pecado que Ptolomeu tentou após a vitória de Ráfia foi consumado logo no início da revolta dos Macabeus. Foi o mesmo pecado ao qual os sacerdotes resistiram no tempo do rei Uzias; porém, a professada defesa, por parte dos Macabeus, dos serviços do templo de Deus foi uma manifestação equivocada e rebelde da união entre igreja e Estado e, como tal, tipifica a rebelião do protestantismo apóstata que agora se está congregando em apoio a Trump contra os avanços do “woke-ismo” globalista de Biden.

A Bíblia ensina que vós os conhecereis pelos seus frutos, e os fariseus, no tempo de Cristo, eram os últimos remanescentes da dinastia hasmoneia que começou com Matatias. Matatias, e a rebelião que ele iniciou, produziram os frutos do farisaísmo, assim como os protestantes apóstatas que estão apoiando o conceito de “Make America Great Again”. A América foi grande quando se compreendia que a Constituição mantinha a igreja e o Estado separados entre si, mas, no milagre falsificado representado pela vitória que é comemorada pela festa de Hanukkah, o movimento em favor da legislação dominical virá a público.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Até então, os que apresentaram as verdades da mensagem do terceiro anjo foram frequentemente considerados meros alarmistas. Suas previsões de que a intolerância religiosa assumiria o controle nos Estados Unidos, de que igreja e Estado se uniriam para perseguir os que guardam os mandamentos de Deus, foram declaradas infundadas e absurdas. Afirmou-se com confiança que esta terra jamais poderia se tornar outra coisa senão aquilo que tem sido — a defensora da liberdade religiosa. Mas, à medida que a questão de impor a observância do domingo é amplamente debatida, vê-se que o acontecimento há tanto tempo posto em dúvida e desacreditado está se aproximando, e a terceira mensagem produzirá um efeito que antes não poderia ter.

Em cada geração, Deus tem enviado Seus servos para repreender o pecado, tanto no mundo quanto na igreja. Mas o povo deseja ouvir palavras agradáveis, e a verdade pura, sem retoques, não é aceitável. Muitos reformadores, ao iniciarem sua obra, decidiram exercer grande prudência ao atacar os pecados da igreja e da nação. Esperavam, pelo exemplo de uma vida cristã pura, conduzir o povo de volta às doutrinas da Bíblia. Mas o Espírito de Deus veio sobre eles, como veio sobre Elias, impelindo-o a repreender os pecados de um rei ímpio e de um povo apóstata; não puderam deixar de pregar as declarações claras da Bíblia - doutrinas que haviam relutado em apresentar. Foram impelidos a declarar com zelo a verdade e o perigo que ameaçava as almas. Proferiram as palavras que o Senhor lhes deu, sem temor das consequências, e o povo foi compelido a ouvir a advertência.

Assim a mensagem do terceiro anjo será proclamada. À medida que chega o tempo de ela ser dada com maior poder, o Senhor trabalhará por meio de instrumentos humildes, guiando a mente daqueles que se consagram ao Seu serviço. Os obreiros serão habilitados mais pela unção do Seu Espírito do que pela formação recebida em instituições de ensino. Homens de fé e oração serão impelidos a sair com santo zelo, declarando as palavras que Deus lhes dá. Os pecados de Babilônia serão expostos. Os temíveis resultados de impor as observâncias da igreja pela autoridade civil, as incursões do espiritismo, o furtivo, porém rápido, progresso do poder papal — tudo será desmascarado. Por meio desses solenes avisos o povo será despertado. Milhares e milhares ouvirão, que nunca ouviram palavras como estas. Com espanto, ouvem o testemunho de que Babilônia é a igreja, caída por causa de seus erros e pecados, por causa de sua rejeição da verdade que lhe foi enviada do céu. Ao irem as pessoas aos seus antigos mestres com a ansiosa pergunta: São assim estas coisas? os ministros apresentam fábulas, profetizam coisas agradáveis, para acalmar seus temores e aquietar a consciência despertada. Mas, como muitos recusam satisfazer-se com a mera autoridade dos homens e exigem um claro 'Assim diz o Senhor', o ministério popular, como os fariseus de outrora, cheio de ira ao ver sua autoridade ser questionada, denunciará a mensagem como sendo de Satanás e incitará as multidões amantes do pecado a ultrajar e perseguir os que proclamam.

À medida que a controvérsia se estende a novos campos e as mentes do povo são chamadas à lei de Deus, calcada aos pés, Satanás se agita. O poder que acompanha a mensagem apenas enfurecerá os que a ela se opõem. O clero envidará esforços quase sobre-humanos para afastar a luz, para que ela não brilhe sobre seus rebanhos. Por todos os meios ao seu alcance, procurarão suprimir a discussão dessas questões vitais. A igreja apela ao braço forte do poder civil e, nessa obra, papistas e protestantes se unem. À medida que o movimento pela imposição do domingo se torna mais ousado e decidido, a lei será invocada contra os que guardam os mandamentos. Serão ameaçados com multas e prisão, e a alguns serão oferecidos cargos de influência e outras recompensas e vantagens, como incentivos para que renunciem à sua fé. Mas sua resposta firme é: “Mostrai-nos pela palavra de Deus o nosso erro” - o mesmo apelo que foi feito por Lutero em circunstâncias semelhantes. Os que são levados perante os tribunais apresentam vigorosa defesa da verdade, e alguns dos que os ouvem são levados a tomar posição para guardar todos os mandamentos de Deus. Assim, a luz será apresentada a milhares que, de outra forma, nada saberiam dessas verdades. O Grande Conflito, 605, 606.